

ALÉM DAS MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA
EXPLORANDO A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES AMARELAS NO
OCIDENTE

FRANCYELLE YUMI SHIRAISHI OKIDA

Foz do Iguaçu
2024

ALÉM DAS MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA
EXPLORANDO A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES AMARELAS NO
OCIDENTE

FRANCYELLE YUMI SHIRAISHI OKIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração.

Orientador: Prof. Dra. Suellen Mayara Peres de Oliveira

Foz do Iguaçu
2024

FRANCYELLE YUMI SHIRAISHI OKIDA

ALÉM DAS MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA

EXPLORANDO A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES AMARELAS NO
OCIDENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dra. Suellen Mayara Peres de Oliveira
ILAESP

Prof. Dr. Elen Cristiane Schneider
ILAESP

Prof. Dra. Karen dos Santos Honorio
ILAESP

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de ____

Desde minha infância eu sabia que era diferente. Me tratavam diferente. Mas demorou um tempo para eu entender o porquê. Por volta de 2008, quando estava no ensino fundamental, durante uma pesquisa para o censo do IBGE, descobri a razão. Trouxe a minha folha de pesquisa para casa, e com a ajuda da minha mãe fui preenchendo o longo formulário. Tudo estava correndo normalmente, até a linha “Raça”. Na minha cabeça eu era branca, afinal, a cor da minha pele sempre foi mais clara, então fazia sentido. Esse dia descobri que não, eu não sou branca, na verdade, tinha outra categoria que eu me encaixava melhor: Amarela.

Lembro dos sentimentos conflituosos, “Amarela? Mas eu não sou os Simpsons”. Depois de um tempo da minha mãe me convencendo que sim, eu não era branca, e que a “raça amarela” era conhecida por uma suposta superioridade intelectual, entre outros argumentos, acabei aceitando — relutantemente — minha não-branquitude.

A partir de então, as pessoas me chamando de “japinha”, os gestos grosseiros tentando imitar o formato dos meus olhos, e os “arigato” que gritavam para mim nas ruas fizeram mais sentido. Não eram todos que passavam por essas situações. Mas eu sim: porque eu sou uma mulher amarela. Ao longo da vida fui percebendo outras coisas, outros comentários. Passei a perceber as expectativas que as pessoas tinham em relação a mim, de como eu deveria ser e como eu deveria me comportar, o tom de voz que eu deveria falar, o que eu deveria gostar, e a surpresa dos outros quando eu saía desse ideal.

Por alguns anos busquei me encaixar nessa identidade que me haviam atribuído (sem que eu tivesse pedido), mas era desconfortável, porque essa pessoa não era uma pessoa real, não era eu, era um estereótipo, uma ideia.

Como descobrir quem você é, em uma sociedade que dita a todo tempo quem você deveria ser?

Esse trabalho vem desse processo, de busca, descobrimento, construção e desconstrução. Entender que a construção da minha identidade não era um processo individual e tinha origens sistêmicas tirou um peso dos meus ombros, não me senti mais tão sozinha quanto antes.

Dedico esse trabalho à Yumi de 2008, que iniciou esses questionamentos tão relevantes, e também as mulheres amarelas mais importantes da minha vida, que sempre foram referências: Joana, Kharen, Sthefanye, Dona Mari e Dona Mieko

RESUMO

No contexto ocidental, a formação da identidade das mulheres amarelas é profundamente influenciada pelo Orientalismo e pela fetichização exacerbada. Inicialmente, ao contrastar sua própria identidade com a imagem do Oriente, a Europa historicamente reforçou estereótipos e hierarquias raciais, marginalizando o indivíduo amarelo como estrangeiro. A fetichização enfrentada pelas mulheres amarelas reflete-se em espaços como websites adultos e aplicativos de namoro, enraizada em eventos traumáticos como o Massacre de Nanquim e a Segunda Guerra Mundial. A mídia desempenha um papel crucial na perpetuação desses estereótipos, promovendo ativamente a fetichização das mulheres amarelas, como evidenciado em "Memórias de uma Gueixa", que distorce a realidade e perpetua estereótipos orientalistas. Em resposta, desafiar essas representações deturpadas e promover narrativas autênticas e multifacetadas que deem voz às mulheres amarelas é crucial, reconhecendo sua complexidade e diversidade de identidades e questionando as narrativas midiáticas que perpetuam estereótipos simplificados do "Outro". Para alcançar nosso objetivo de analisar o livro e filme 'Memórias de uma Gueixa', adotamos uma abordagem que integra análise documental e bibliográfica, utilizando métodos qualitativos e quantitativos. No cerne da análise, destacamos a objetificação e fetichização das mulheres retratadas, explorando as lentes da narrativa sociocultural e de gênero. Este estudo visa compreender como esses elementos são representados e interpretados na obra, contribuindo para uma análise crítica e contextualizada."

Palavras-chave: Orientalismo; Feminismo Interseccional; mulher amarela; fetichização.

RESUMEN

En el contexto occidental, la formación de la identidad de las mujeres amarillas está profundamente influenciada por el Orientalismo y la fetichización exacerbada. Inicialmente, al contrastar su propia identidad con la imagen de Oriente, Europa históricamente ha reforzado estereotipos y jerarquías raciales, marginando al individuo amarillo como extranjero. La fetichización enfrentada por las mujeres amarillas se refleja en espacios como sitios web para adultos y aplicaciones de citas, arraigada en eventos traumáticos como la Masacre de Nankín y la Segunda Guerra Mundial. Los medios de comunicación desempeñan un papel crucial en la perpetuación de estos estereotipos, promoviendo activamente la fetichización de las mujeres amarillas, como se evidencia en "Memorias de una Geisha", que distorsiona la realidad y perpetúa estereotipos orientalistas. En respuesta, desafiar estas representaciones distorsionadas y promover narrativas auténticas y multifacéticas que den voz a las mujeres amarillas es crucial, reconociendo su complejidad y diversidad de identidades y cuestionando las narrativas mediáticas que perpetúan estereotipos simplificados del "Otro". Para lograr nuestro objetivo de analizar el libro y la película 'Memorias de una Geisha', adoptamos un enfoque que integra análisis documental y bibliográfico, utilizando métodos cualitativos y cuantitativos. En el núcleo del análisis, destacamos la objetificación y fetichización de las mujeres retratadas, explorando las lentes de la narrativa sociocultural y de género. Este estudio tiene como objetivo comprender cómo se representan e interpretan estos elementos en la obra, contribuyendo a un análisis crítico y contextualizado.

Palabras clave: Orientalismo; Feminismo Interseccional; mujer amarilla; fetichización.

ABSTRACT

In the Western context, the formation of the identity of yellow women is profoundly influenced by Orientalism and exacerbated fetishization. Initially, by contrasting their own identity with the image of the East, Europe has historically reinforced stereotypes and racial hierarchies, marginalizing the yellow individual as a foreigner. The fetishization faced by yellow women is reflected in spaces such as adult websites and dating apps, rooted in traumatic events like the Nanjing Massacre and World War II. The media plays a crucial role in perpetuating these stereotypes, actively promoting the fetishization of yellow women, as evidenced in "Memoirs of a Geisha," which distorts reality and perpetuates Orientalist stereotypes. In response, challenging these distorted representations and promoting authentic, multifaceted narratives that give voice to yellow women is crucial, recognizing their complexity and diversity of identities and questioning media narratives that perpetuate simplified stereotypes of the "Other". To achieve our goal of analyzing the book and film 'Memoirs of a Geisha', we adopted an approach that integrates documentary and bibliographical analysis, using qualitative and quantitative methods. At the core of the analysis, we highlight the objectification and fetishization of the women portrayed, exploring the lenses of sociocultural and gender narrative. This study aims to understand how these elements are represented and interpreted in the work, contributing to a critical and contextualized analysis.

Keywords: Orientalism; Intersectional Feminism; Asian-American Women; fetishization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
2 A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS DE IDENTIDADE AMARELA NO OCIDENTE	2
2.1. ORIENTALISMO: A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO”	2
2.2. “PERIGO AMARELO”: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO MEDO	4
2.3. MITO DA “MINORIA MODELO”: A MERITOCRACIA COMO NARRATIVA	7
2.4. TEORIA DA TRIANGULAÇÃO RACIAL: O “ASIÁTICO” COMO ETERNO ESTRANGEIRO	9
2.5. CONCLUSÃO	11
3 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA “MULHER AMARELA” NO OCIDENTE	12
3.1 KIMBERLÉ CRENSHAW E A INTERSECCIONALIDADE	12
3.2 COLONIALIDADE, GÊNERO E FETICHIZAÇÃO DAS MULHERES AMARELAS	
3.2.1 FETICHIZAÇÃO	14
3.2.2 HISTÓRICO	17
3.3 ESTEREÓTIPOS RETRATADOS NA MÍDIA	18
3.4 CONCLUSÃO	19
4 MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA: UM ESTUDO DE CASO	20
4.1. GOLDEN, MARSHALL E A PERPETUAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NA MÍDIA	20
4.2 “NOTA DO TRADUTOR”: A VOZ ORIENTALISTA	22
4.2.1 IWASAKI X GOLDEN	24
4.3 MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA, O FILME	25
4.3.1 RESUMO DO FILME	25
4.3.2 NARRATIVA E PERSONAGENS FEMININAS: REFORÇANDO ESTEREÓTIPOS	27
4.3.2.1 SAYURI	27
4.3.2.2 HATSUMOMO	28
4.3.2.3 NIITA	28
4.3.3 ANÁLISE DOS ELEMENTOS DO FILME: O OLHAR ORIENTALISTA TRADUZIDO NAS TELAS	29
4.3.3.1 CENÁRIO	29
4.3.3.2 FIGURINO E MAQUIAGEM	30
4.3.3.3 ATRIZES NÃO-JAPONESAS	32
4.3.3.4 IDIOMA	33
4.3.4 REPRESENTAÇÃO ESTADUNIDENSE NO FILME: FALSA NARRATIVA	34

4.4 CONCLUSÃO

35

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

36

REFERÊNCIAS

38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a questão da fetichização das mulheres amarelas no contexto ocidental, examinando os estereótipos associados a essas mulheres e explorando a complexa construção identitária subjacente. Destaca-se o papel significativo da mídia, incluindo filmes e outras formas de entretenimento, na perpetuação desses estereótipos. Para essa análise, fundamentamo-nos nos conceitos de "Orientalismo", cunhado por Edward Said, e de "Interseccionalidade", desenvolvido por Kimberlé Crenshaw.

A escolha do termo "amarela" em vez de "asiática" é intencional, uma vez que os estereótipos estão intrinsecamente ligados a características fenotípicas específicas. Por exemplo, enquanto a Índia é um país asiático, as mulheres indianas, devido às suas características fenotípicas distintas em comparação com as mulheres japonesas, não estão sujeitas à mesma forma de objetificação. É crucial fazer essa distinção, pois a fetichização racial de mulheres amarelas assume formas distintas no contexto ocidental.

Como mulher amarela vivendo no Ocidente, pude testemunhar como tanto o gênero quanto a raça desempenham papéis fundamentais em minha experiência pessoal. Ao longo do tempo, percebi que as situações, comentários e expectativas que enfrentei não eram exclusivas, mas sim compartilhadas por outras mulheres de ascendência asiática.

O objetivo geral deste estudo é compreender as raízes históricas e o papel da mídia na construção da identidade das mulheres amarelas no contexto ocidental. A relevância desta pesquisa reside especialmente na escassez de literatura sobre o tema e na falta de reconhecimento da sua importância nos círculos acadêmicos.

Para alcançar esse objetivo, adotamos uma abordagem baseada em análise documental e bibliográfica, realizada através de métodos qualitativos e quantitativos. O primeiro capítulo explora o Orientalismo como uma estratégia ocidental para a construção da própria identidade, examinando a criação de narrativas de hierarquias raciais e os fenômenos do "Perigo Amarelo", do "Mito da Minoridade Modelo" e da "Teoria da Triangulação Racial", que afetam negativamente as pessoas amarelas no Ocidente. A segunda parte do trabalho investiga, sob a ótica da teoria feminista interseccional, a experiência das mulheres amarelas, os estereótipos associados a elas e o papel histórico da mídia na perpetuação dessas ideias. Por fim, a terceira parte do estudo analisa o livro e o filme "Memórias de uma Gueixa", destacando a objetificação e

fetichização específicas dessas mulheres, através de uma análise da narrativa sociocultural e de gênero e oferecendo uma perspectiva sobre como elas são retratadas tanto na história quanto nos bastidores da produção cinematográfica.

2 A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS DE IDENTIDADE AMARELA NO OCIDENTE

Este capítulo visa explorar a formação das narrativas em torno da identidade atribuída às pessoas de ascendência asiática, especificamente as pessoas amarelas. Essa é uma diferenciação importante porque a Ásia é um grande continente que abriga diversas etnias. O trabalho não faz alusão a uma etnia em particular, mas ao empregar o termo amarelo ou amarela, faz-se referência às pessoas com traços fenotípicos característicos do leste asiático: pele clara, olhos amendoados, cabelo escuro e liso.

Para isso, conduz-se uma revisão bibliográfica histórica, a fim de compreender a origem e a perpetuação de determinados estereótipos, investigando o papel do Estado e da intelectualidade na concepção e disseminação dessas representações.

2.1. ORIENTALISMO: A CONSTRUÇÃO DO “OUTRO”

O fascínio que vem concomitante com o medo pelo Outro, o Oriente, é um sentimento antigo, traduzido por Said (2003) em seu livro ‘Orientalismo’. Nessa obra o autor cria e define o conceito de Orientalismo. Segundo Said, há três definições para o termo, todas elas interdependentes: a primeira seria acadêmica, ou seja, “Qualquer um que dê aulas, escreva ou pesquise sobre o Oriente [...] é um orientalista, e aquilo que ele ou ela faz é orientalismo” (SAID, 2003 p.23). A segunda definição, também é relacionada com o âmbito acadêmico, e o autor define como “[...] um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o Oriente’ e (a maior parte do tempo) ‘o Ocidente’” (SAID, 2003 p.23). A terceira e última definição é o Orientalismo como uma instituição, um discurso instrumentalizado:

Tomando o final do século XVIII como um ponto de partida muito grosseiramente definido, o orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição organizada para negociar como o Oriente - negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo: o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente. (SAID, 2003, p.24).

A região conhecida como Oriente, foi segundo Said, geograficamente imaginada:

[...] o Oriente não é um fato inerte da natureza. Não está meramente lá, assim como o próprio Ocidente não está apenas lá. Devemos levar a sério a notável observação de Vico segundo a qual os homens fazem sua própria história, e que só podem conhecer o que fizeram, e aplicá-la à geografia: como entidades geográficas e culturais - para não falar das identidades históricas -, os lugares, regiões e setores geográficos tais como o 'Oriente' e o 'Ocidente' são feitos pelo homem. (SAID, 2003, p.25).

Para que a Europa fosse reconhecida como figura hegemônica cultural, foi necessário o estabelecimento de uma relação de poder muito complexa. O autor faz diversos apontamentos sobre como se deu a construção desse imaginário e ele afirma que toda a narrativa referente ao Oriente foi baseada em concepções religiosas, morais e econômicas divergentes e imutáveis. Said afirma que o Oriente foi uma ideia criada como forma de construir uma narrativa identitária para a própria Europa, sempre contrastando com esse conceito do 'Outro'. Essa foi uma visão construída ao longo de vários séculos, e permeia o imaginário até os dias atuais.

O Orientalismo não diz respeito apenas a região geográfica, mas se refere também a toda a população local. Além de exotizar e mistificar praticamente metade do mundo, o Orientalismo faz com que as pessoas que são nativas deste espaço, sejam vistas como exóticas, como o 'Outro': "O oriental é irracional, depravado (caído), infantil, 'diferente'; desse modo, o europeu é racional, virtuoso, maduro, 'normal'" (SAID, 2003 p.64).

Para chegar nessas conclusões, Said (2003) analisou uma série de documentos tanto de ficção quanto de não-ficção, que tinham como elemento em comum sociedades árabes do norte da África e do chamado Oriente Médio, escritos por autores americanos, ingleses e franceses, usando como recorte temporal o período que se estendeu do final do século XVIII até a contemporaneidade. Ele examinou esses trabalhos considerando o contexto social, político e econômico da época em que eles foram escritos.

O autor utilizou como metodologia a análise de discurso, e constatou que as pessoas 'orientais' eram sempre representadas como sendo bárbaras, meras representações e conceitos, nunca tratadas como seres humanos, incapazes de pensar e sentir. Além disso, essas populações

são tratadas como um grupo homogêneo, desconsiderando a enorme diversidade étnica e cultural presente na região.

O Orientalismo é então, uma forma de dominação do Ocidente sobre o Oriente. Essa dominação é baseada numa construção narrativa e tira agência, voz e poder do ‘Outro’. Esses estereótipos e preconceitos ajudam a manter uma estrutura de poder hegemônica que está sempre a favor do Ocidente. A partir desse discurso, o Oriente é subjugado politicamente, militarmente, cientificamente e ideologicamente pelo Ocidente.

Apesar do recorte geográfico limitado estabelecido por Said (2003), o conceito de um *outro* exotizado pode ser (e foi) aplicado a outras populações e justificou a colonização de diversos outros espaços pelo mundo. Dessa maneira, o “Ocidente”, conseguiu explorar pessoas e recursos, colocando-se num papel de salvação e modernização daquele espaço, enquanto caracterizavam a população local a partir de estereótipos degradantes.

Esse tipo de pensamento não acabou quando os países foram conquistando suas independências, ele continuou e foi tomando diversas formas, adaptando-se e transformando-se no discurso cotidiano ao longo do tempo. Além disso, outros estereótipos e ideias foram sendo criadas e tomaram o imaginário popular. As ideias racistas e coloniais que serviram de base e justificativa para atrocidades cometidas pelos países “ocidentais” foram legitimadas e difundidas pelos próprios acadêmicos, ou seja, o “pensamento ocidental” dependia da academia e vice-versa, numa relação de retroalimentação.

2.2.. “PERIGO AMARELO”: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO MEDO

Como explicado acima, a formação identitária do “Ocidente” deu-se a partir de um contraponto com o Oriente. Mas essa não foi a única função do chamado “Oriente” no imaginário ocidental. O termo “Perigo Amarelo”, com a conotação atual, existe desde o século XIX, onde numa carta, o Rei Guilherme II, da Alemanha, incumbiu ao czar Nicolau II da Rússia a defender a Europa “das incursões da Grande Raça Amarela” (PALMER, 2009), criando essa ameaça no imaginário da população. Essa narrativa foi a forma pela qual várias nações ocidentais justificaram suas políticas imperialistas nos países do Leste Asiático.

Ao longo dos anos, o “Perigo Amarelo” foi representado por diferentes países, sendo o primeiro deles a China, dado que seu grande território e contingente populacional sempre foi visto de forma ameaçadora por outros países. A expansão do Japão pelo pacífico no século XIX fez com que o país se tornasse uma ameaça aos Estados Unidos. Enquanto o Japão expandiu seus territórios, sua população excedente migrava em massa para outros países, entre eles os Estados Unidos, onde eram recebidos de forma hostil pela população local.

A posição do Japão como o novo Perigo Amarelo foi consolidada a partir da década 1940, a partir de então, o Japão era o novo inimigo em comum. Com a Segunda Guerra Mundial, e o alinhamento do Japão com a Alemanha, os imigrantes e seus descendentes tornaram-se a personificação do inimigo. O ataque de *Pearl Harbor* em 1941 fez com que a imagem dos japoneses fosse ainda mais desgastada, e eles passaram a ser acusados de espionagem.

Em 1942, Roosevelt decretou a Ordem Executiva 9066, criando campos de concentração onde mais de 100.000 pessoas foram forçadas a viver. Além dos Estados Unidos, outros países que haviam recebido os imigrantes japoneses decretaram leis que faziam com que a vida deles mudasse drasticamente.

Durante os anos da guerra, a imagem do imigrante japonês muda radicalmente em cada país que se localiza; deixa de ser o fazendeiro pacato para vestir-se de espião sanguinário, traiçoeiro, fiel apenas a seu Imperador. No decorrer do conflito, implementam-se várias restrições à cultura japonesa, incluindo a proibição da língua, o fechamento de escolas e o veto à circulação de jornais japoneses (SHIMABUKO, 2017, p.6).

Neste mesmo ano o Brasil rompeu relações diplomáticas com as potências do Eixo. Neste contexto, os japoneses e seus descendentes que aqui viviam passaram a ser vistos de forma suspeita, sendo acusados de espionagem e de subversão. A ideia que se difundia era a de que os imigrantes japoneses eram agentes infiltrados, logo, eles deveriam ser investigados de perto.

[...] a lógica da desconfiança que permeava a investigação policial atribui também à atividade vinculada à agricultura como disfarce para atividades que atentavam contra a segurança nacional, uma vez que o nipônico era sempre visto como previamente culpado, graças a uma somatória de estigmas atribuídos a ele: indivíduo hipócrita e conspirador, pois fingia acatar as leis, e fanático, por oferecer lealdade somente ao seu imperador (TAKEUCHI, 2018 p.7).

No Brasil, em 1942 o escritor Vivaldi Coaracy publicou “O Perigo Japonês”, um ensaio onde ele vocalizava os interesses de alguns setores da intelectualidade de classificar os

japoneses que aqui viviam, como nocivos ao país, classificando-os a partir de conceitos racistas, xenofóbicos e eugenistas. Coaracy (1942) caracteriza os japoneses como um “povo inassimilável, fisicamente inferior, moralmente diferente do nosso, instrumentos passivo de uma política imperialista [...] contra todo o continente americano, comparáveis a vírus que invadem o organismo da nação, que deveria ser defendida em seus aspectos geográficos étnicos e religiosos.” (1942, apud NUCCI, 2006, p.134).

A partir da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, o “Perigo Amarelo” foi começando a mudar novamente, e continua mudando ao longo dos anos. Com a ascensão de Mao Tse-Tung durante a Guerra Fria e a Revolução Comunista da China, este país foi eleito novamente como o inimigo em comum. Em 1950, com a Guerra das Coreias e o alinhamento da Coreia do Norte com o governo soviético, esta passou a ser vista como uma grande ameaça. Mais recentemente, a pandemia evidenciou essa narrativa, e a China é o alvo da vez, novamente.

A China já é o novo “Perigo Amarelo” há alguns anos, devido ao seu grande crescimento econômico nas últimas décadas. Porém, a pandemia por covid-19 fez com que essa ideia de um agente estrangeiro representando uma ameaça global se fortalecesse ainda mais. As consequências desse tipo de pensamento não se restringem aos habitantes do país, ao longo dos anos, os casos de xenofobia e preconceitos contra pessoas de origem de países leste-asiáticos cresceram, culminando em casos de ataques físicos e até mesmo morte.

Em suma, o “Perigo Amarelo” foi uma narrativa fabricada pelo Ocidente a fim de criar uma lógica de inimigo em comum à hegemonia euro-americana, sendo efetiva até hoje. Por ser algo fabricado, essa lógica muda conforme o cenário político e econômico internacional, sendo recorrida para gerar pânico geral na população, o que, por sua vez, acaba abrindo portas para que políticas imperialistas sejam efetivadas. As consequências desse tipo de narrativa vão desde políticas excludentes, como, por exemplo, as de imigração, até atitudes letais, como morte por violência e guerras, afetando grande parte da população mundial.

2.3. MITO DA “MINORIA MODELO”: A MERITOCRACIA COMO NARRATIVA

Outra narrativa construída para uma “Minoria Modelo” é um termo que foi apresentado pelo sociologista William Petersen em 1966, em seu artigo ‘*Success story, Japanese-American style*’, publicado na revista *The New York Times*. Nele, o autor fala sobre imigrantes e minorias, e argumenta que os japoneses, em específico, são a minoria racializada que mais prosperou social e economicamente.

O Mito da Minoria Modelo sugere que a “[...] comunidade asiática seria especialmente trabalhadora, séria, ética, detentora de conhecimentos acima da média nos campos da matemática e tecnologia e, em geral, intelectualmente talentosa” (SANTOS e ACEVEDO, 2013, p. 286). Os talentos e esforços pessoais acabam sendo desmerecidos, a história é apagada, e o indivíduo é reduzido apenas à raça.

Por qualquer critério de boa cidadania que escolhermos, os nipo-americanos são melhores do que qualquer outro grupo em nossa sociedade, incluindo brancos nascidos nativos. Eles estabeleceram este notável registro, além disso, por seu próprio esforço, quase sem ajuda (PETTERSEN, 1966, s-p).¹

Pettersen (1966) cita fatores como o baixo índice de criminalidade e altos níveis de educação, além do sucesso econômico, para defender que os japoneses seriam um caso de sucesso no contexto social estadunidense. O autor argumenta que os japoneses conseguiram alcançar sucesso e prestígio social, baseado apenas em esforço próprio, usando a ideia de meritocracia como argumento. Isso tudo, sempre em contraponto com outras minorias racializadas, ou como o próprio autor refere no texto ‘*problem minorities*’, usando a população negra, latina, e até outras minorias do leste asiático em comparação.

Assim como os negros, os japoneses tem sido objeto de preconceito racial. Assim como os judeus, eles tem sido temidos e odiados como competidores hiper eficientes. E, mais do que qualquer outro grupo, eles tem sido vistos como agentes de um inimigo no exterior. [...] Geralmente, esse tipo de tratamento, como todos sabemos nos dias de hoje, cria o que poderia ser chamado de “minorias-problemas” (PETTERSEN, 1966, s-p).²

Pettersen (1966) cita o autor Gunnar Myrdal (1898-1987), no termo que ambos se referem como “*An American Dilemma*”. Ele diz que a realidade social reforça os preconceitos em

¹ PETTERSEN, William. Success Story, Japanese-American Style. The New York Times, New York, Janeiro de 1966. Disponível em: https://inside.sfuhs.org/dept/history/US_History_reader/Chapter14/modelminority.pdf. Acesso em: 11 de Abril de 2024 (Tradução do autor).

² Idem.

relação a essas minorias, e essas mesmas minorias ainda ajudam a reforçar tais preconceitos. Ou seja, o autor ainda culpa essas pessoas pelas condições sociais às quais elas se encontram, estigmatizadas não apenas por estarem naquelas condições, mas também por acreditar serem inferiores e, portanto, não conseguir ascender socialmente, numa lógica de retroalimentação. O autor usa o exemplo de negros nos Estados Unidos “*Quando os brancos definiam os negros como inerentemente menos inteligentes, por exemplo, e portanto os forneciam como escolas inferiores, os produtos dessas escolas frequentemente validavam o estereótipo original*” (PETTERSEN, 1966, s-p).

O autor ainda argumenta que uma vez que esse tipo de pensamento torna-se popular e ganha força na sociedade, fica cada vez mais difícil de ser revertido, e quando oportunidades de ascensão social e econômica são dadas a essas populações, suas reações provavelmente serão negativas.

Dentre os fatores citados pelo autor para defender sua tese, respeito à autoridade e o pensamento coletivo acima do individual são conceitos-chave para entender essa prosperidade. Essa ideia, além de injusta e anacrônica, cria um estereótipo presente até hoje na sociedade: a de que japoneses (e asiáticos em geral) são dóceis e submissos, se esforçam, e por isso conseguem atingir esse nível de prosperidade. Esse tipo de pensamento é reforçado inclusive pela própria comunidade asiática.

Ao longo do tempo, e devido ao sucesso econômico de países como China e Coreia do Sul, essa ideia foi se generalizando, deixando de ser uma característica apenas dos japoneses para ser uma característica de leste-asiáticos.

Nessa lógica, as pessoas vistas como parte dessa “minorias modelo”, além de ter experiências como pressão para se encaixar nos altos padrões esperados deles, por vezes deixam de lado sua individualidade na tentativa de alcance de uma realidade inventada, tendo suas possibilidades limitadas.

Apesar de parecer algo bom, ter estereótipos positivos atrelados a um grupo, a realidade é diferente. Além de não ser verdadeiro, esse estereótipo é muito prejudicial, não apenas para os considerados a “minorias modelo”, mas também as outras minorias, que têm suas histórias e lutas injustamente comparadas a elas.

Vale ressaltar que esse tipo de narrativa se deu entre o meio dos anos 1960 e começo dos anos 1970, além de seu ressurgimento no início dos anos 1980, todos períodos

correlacionados com mudanças e conflitos raciais nos Estados Unidos, envolvendo especialmente a população negra.

A autora Claire Kim, explicita “*A mensagem deles é clara: os asiático-americanos tem “muito a perder se decidirem se juntar a grupos minoritários politicamente ativos”*” (KIM, 1999, p. 119)³. Ou seja, essa ideia de que pessoas do grupo pertencente a chamada “minorias modelo” prosperaram por conta do seu não envolvimento com a política, serve como aviso tanto aos negros, argumentando contra suas lutas organizadas, quanto às comunidades asiáticas que gostariam de ter mais envolvimento político.

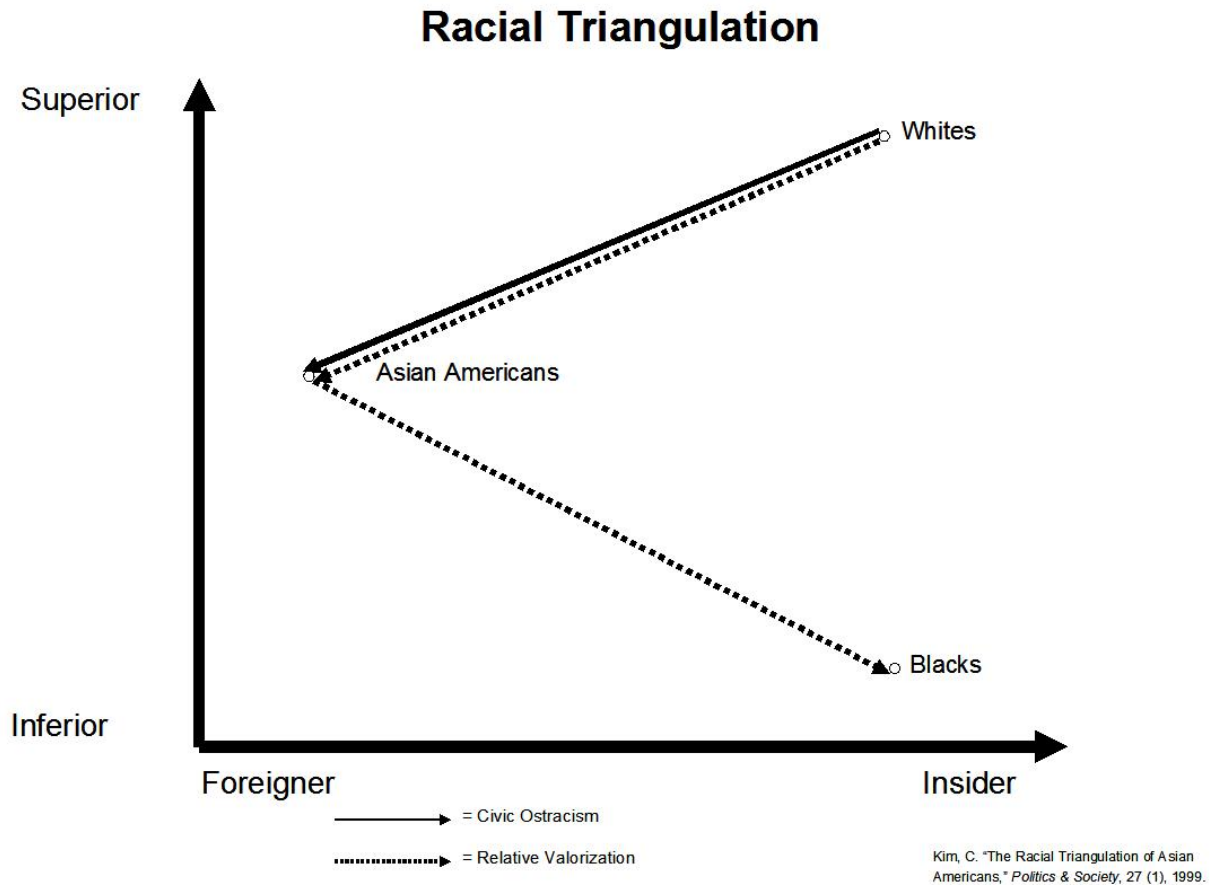
2.4. TEORIA DA TRIANGULAÇÃO RACIAL: O “ASIÁTICO” COMO ETERNO ESTRANGEIRO

A teoria da triangulação racial é uma teoria proposta por Claire Kim, em seu artigo “*The Racial Triangulation of Asian-Americans*”. Kim (1999) escreve o artigo referindo-se à sociedade estadunidense, mas essa teoria também pode ser aplicada ao Brasil. Nesse artigo, a autora coloca em perspectiva a questão de como se deu a racialização dos asiáticos na sociedade estadunidense, questionando as teorias estabelecidas.

Enquanto no Brasil a narrativa de criação de identidade nacional tem como figuras brancos, negros e indígenas, nos Estados Unidos eles levam em consideração apenas brancos e negros. Com o passar dos anos e o maior fluxo de imigração, além da maior complexidade nas discussões sobre raça nos Estados Unidos, os intelectuais e acadêmicos finalmente começaram a pensar raça no país “*beyond black and white*”, para além de apenas negros e brancos.

Duas vertentes surgiram nesse tipo de debate, uma que a autora chama de “*Different Trajectories Approach*”, a abordagem das diferentes trajetórias, na qual os autores defendem que para cada raça há um tipo de preconceito - e dessa forma, um tipo de racismo - diferente, dependendo de situações históricas e opressões sofridas. A segunda abordagem, a “*Racial Hierarchy Approach*”, a abordagem da hierarquia racial, afirma que as raças podem ser hierarquizadas numa escala de privilégios. Branco no topo, negros ao fim, e todas as outras raças

³ KIM, Claire J. The Racial Triangulation of Asian Americans. Politics & Society, Vol. 27, n. 1, 105-138, Março de 1999 (Tradução do autor)



ficariam entre essas duas. A autora tece críticas em relação às duas teorias, encontrando pontos cegos nas duas (KIM, 1999).

A partir da crítica dessas teorias, além de outros aportes, a autora propõe outra conceitualização, a “Teoria da Triangulação Racial”. Para a autora:

[...] os asiáticos-americanos especificamente tem sido “racialmente triangulados” em relação a brancos e negros neste campo de posições raciais ao longo do último século e meio [...] A triangulação racial ocorre por meio de dois tipos de processos simultâneos e interligados: (1) processos de “valorização relativa”, nos quais o grupo dominante A (brancos) valoriza o grupo subordinado B (asiático-americanos) em relação ao grupo subordinado C (negros) em termos culturais e/ou raciais para dominar ambos os grupos, mas especificamente o último, e (2) processos de “ostracismo cívico”, nos quais o grupo dominante A (brancos) constrói o grupo subordinado B (asiático-americanos) como imutavelmente estrangeiro e não assimilável aos brancos em termos culturais e/ou raciais para ostracizá-los do corpo político e da cidadania (ver Figura 1) (KIM, 1999, p. 106)⁴.

Figura 1 - Racial Triangulation

Fonte: KIM (1999).

⁴ Idem.

A partir dessa teoria é possível tirar duas conclusões: a primeira, é a de que a racialização não se deu num vácuo, a narrativa identitária foi criada em contraposição com brancos e negros. Esse tipo de imagem foi pensada e instrumentalizada a fim de oprimir e criar divisões em grupos racializados. A segunda é a de que, a partir dessas narrativas construídas, os asiáticos e seus descendentes são sempre vistos como estrangeiros, como não sendo parte da sociedade.

2.5. CONCLUSÃO

"Orientalismo", termo cunhado por Said (1996), abrange diversas definições, sendo aqui adotado para descrever um discurso que instrumentaliza a dominação do Oriente, contrapondo-o à Europa para solidificar sua própria identidade. Ao longo do tempo, essa concepção foi articulada em torno do conceito do "Outro". Por exemplo, a noção do "Perigo Amarelo" utiliza a lógica de um inimigo comum para justificar políticas excludentes baseadas no medo. O "Mito da Minoria Modelo", apesar de sua aparência positiva, desumaniza ao idealizar uma falsa uniformidade, comparando experiências para deslegitimar outros grupos que lutam por seus direitos.

Devido a essas representações, o indivíduo amarelo no Ocidente é perpetuamente considerado um estrangeiro, frequentemente atribuído com privilégios, mas raramente reconhecido como pertencente. A análise dos conceitos abordados neste capítulo revela que os estereótipos que moldam nossa percepção das pessoas amarelas no Ocidente até hoje foram forjados por uma classe dominante. Essas narrativas, historicamente utilizadas para moldar identidades, estabelecer hierarquias raciais e justificar políticas de dominação e exclusão, ainda ressoam nas interações cotidianas e na percepção contemporânea.

3 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA “MULHER AMARELA” NO OCIDENTE

No capítulo anterior, exploramos alguns dos estereótipos e elementos presentes no imaginário popular relacionados à identidade da população amarela no Ocidente. É crucial reconhecer que a opressão pode ser intensificada considerando variáveis como gênero, raça e classe social. No presente capítulo, aprofundaremos nossa compreensão sobre temas que dizem respeito especificamente às mulheres amarelas na sociedade ocidental.

É essencial fazer essa distinção porque, embora as mulheres amarelas possam ser sexualizadas por homens amarelos em países da Ásia, a problemática da fetichização racial assume contornos distintos no Ocidente. Além disso, é importante destacar o lugar de privilégio que as mulheres amarelas ocupam, apesar da objetificação característica desse grupo. Este trabalho não busca estabelecer comparações ou hierarquias entre as lutas e dores de diferentes minorias racializadas, mas sim expor as experiências específicas desse grupo.

3.1 KIMBERLÉ CRENSHAW E A INTERSECCIONALIDADE

O marco teórico do trabalho é o feminismo interseccional. O conceito de interseccionalidade foi introduzido em 1989, por Kimberlé Crenshaw. A autora introduz essa ideia enquanto uma ferramenta para que mulheres atingidas por diversos tipos de opressões pudessem analisar sua condição.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Cada mulher tem uma experiência de opressão diferente, portanto, mulheres vindas de realidades distintas, vivenciam opressões específicas para sua categorização. É relevante destacar que, embora o conceito de interseccionalidade tenha surgido apenas no final do século XX, movimentos como o feminismo negro já se faziam presentes desde a primeira onda

feminista. Contudo, é importante ressaltar que, mesmo sendo uma parte essencial desse movimento, as vozes dessas mulheres historicamente não eram devidamente reconhecidas e ouvidas.

Para entender o conceito da interseccionalidade, Crenshaw explica a superinclusão e subinclusão. “Nas abordagens subinclusivas da discriminação, a diferença torna invisível um conjunto de problemas; enquanto em abordagens superinclusivas, a própria diferença é invisível” (CRENSHAW, 2002, p.176).

A superinclusão pode ser compreendida como a tentativa de explicar o marcador "gênero" como o único elemento relevante para interpretar a condição "mulher" na sociedade. No entanto, a experiência de mulheres de cor ou não heterossexuais demonstra que analisar apenas o gênero é inadequado. Por exemplo, a simples análise de gênero não é suficiente para capturar a complexidade da vivência de mulheres de diferentes origens étnicas ou orientações sexuais.

Por outro lado, a subinclusão implica que as questões específicas de determinados grupos de mulheres não são reconhecidas como problemas de gênero por outras mulheres pertencentes a grupos hegemônicos. Um exemplo claro é a objetificação de mulheres, onde a maneira como uma mulher amarela é objetificada difere significativamente do mesmo processo que uma mulher negra vai experienciar.

Em suma, a interseccionalidade destaca a necessidade de considerar simultaneamente várias dimensões de identidade, como raça, gênero e orientação sexual, para compreender de maneira mais completa as experiências e desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade.

A proposta de Crenshaw é uma metodologia de análise que considere essas diferenças e, a partir daí, buscar soluções que sejam efetivas.

Meu objetivo é apresentar uma estrutura provisória que nos permita identificar a discriminação racial e a discriminação de gênero, de modo a compreender melhor como essas discriminações operam juntas, limitando as chances de sucesso das mulheres negras. O segundo objetivo é enfatizar a necessidade de empreendermos esforços abrangentes para eliminar essas barreiras (2019, apud CRENSHAW, 2004, p.1).

Apesar de Crenshaw pensar inicialmente a interseccionalidade em um contexto de mulheres negras, é possível estender essa ideia para outras realidades, como a realidade das mulheres amarelas no Ocidente, conforme exploraremos posteriormente.

3.2 COLONIALIDADE, GÊNERO E FETICHIZAÇÃO DAS MULHERES AMARELAS

3.2.1 FETICHIZAÇÃO

Compreender a interseccionalidade implica reconhecer que mulheres diversas vivenciam experiências distintas, influenciadas por suas características individuais. Uma narrativa recorrente entre mulheres amarelas que vivem em países ocidentais é a fetichização. Para além da vivência comum da objetificação de gênero, as mulheres amarelas enfrentam uma intersecção de raça que adiciona uma camada adicional de opressão.

A perspectiva orientalista se entrelaça com a questão de gênero, resultando em uma fetichização exacerbada das mulheres amarelas. A percepção de "exótico" e "o outro" se une à dimensão de gênero, intensificando ainda mais a objetificação das mulheres. Lee (2017), mulher amarela que vive no Brasil, traduz essa objetificação sentida por diversas mulheres amarelas no seguinte texto:

Há uma aparente permissividade em objetificar o corpo de mulheres não-brancas. Não surpreendente tal fato, após entender como funciona as relações de poder, privilégio e dominação, perante etnia e gênero. O mais cruel é como o poderio sobre este corpo considerado exótico vêm consigo o prazer de um auto-reconhecimento hegemônico atemporal. Como mulher de ascendência asiática, percebo como o processo de objetificação do meu corpo é semelhante ao exótico contido em uma viagem à Ásia: percurso em um território alheio, recheado de desejos egocêntricos perante o quão transformador serão as experiências de alteridade, estereotipado por mercados capitalistas, estereótipos que desumanizam à ponto de ser plausível o livre consumo e fetiche lascivo de indivíduos como produtos, ainda, na irrelevância sobre tudo isso se tratar e envolver pessoas reais. (LEE, 2017).

O maior site de pornografia gratuita, *Porn Hub*, traz relatórios anuais desde 2016, "*Porn Hub a Year in Review*". Esses relatórios oferecem uma análise detalhada de diversos dados, abordando várias categorias e comportamentos dos usuários ao explorarem o site (PORNHUB, 2024).

Além de fornecer *insights* sobre diversos aspectos, o relatório apresenta estatísticas significativas, destacando termos de pesquisa mais frequentes e categorias mais populares entre os usuários. Expressões-chave como "japonesa", "asiática" e "coreana" consistentemente ocupam posições proeminentes nos gráficos, refletindo o interesse predominante da audiência.

No ano de 2019, a palavra-chave "*japanese*" atingiu seu auge, tanto em termos de pesquisas realizadas quanto na categoria de vídeos mais visualizada ao longo do ano, o que nos mostra uma grande objetificação por parte tanto de homens quanto de mulheres que visitam o site.

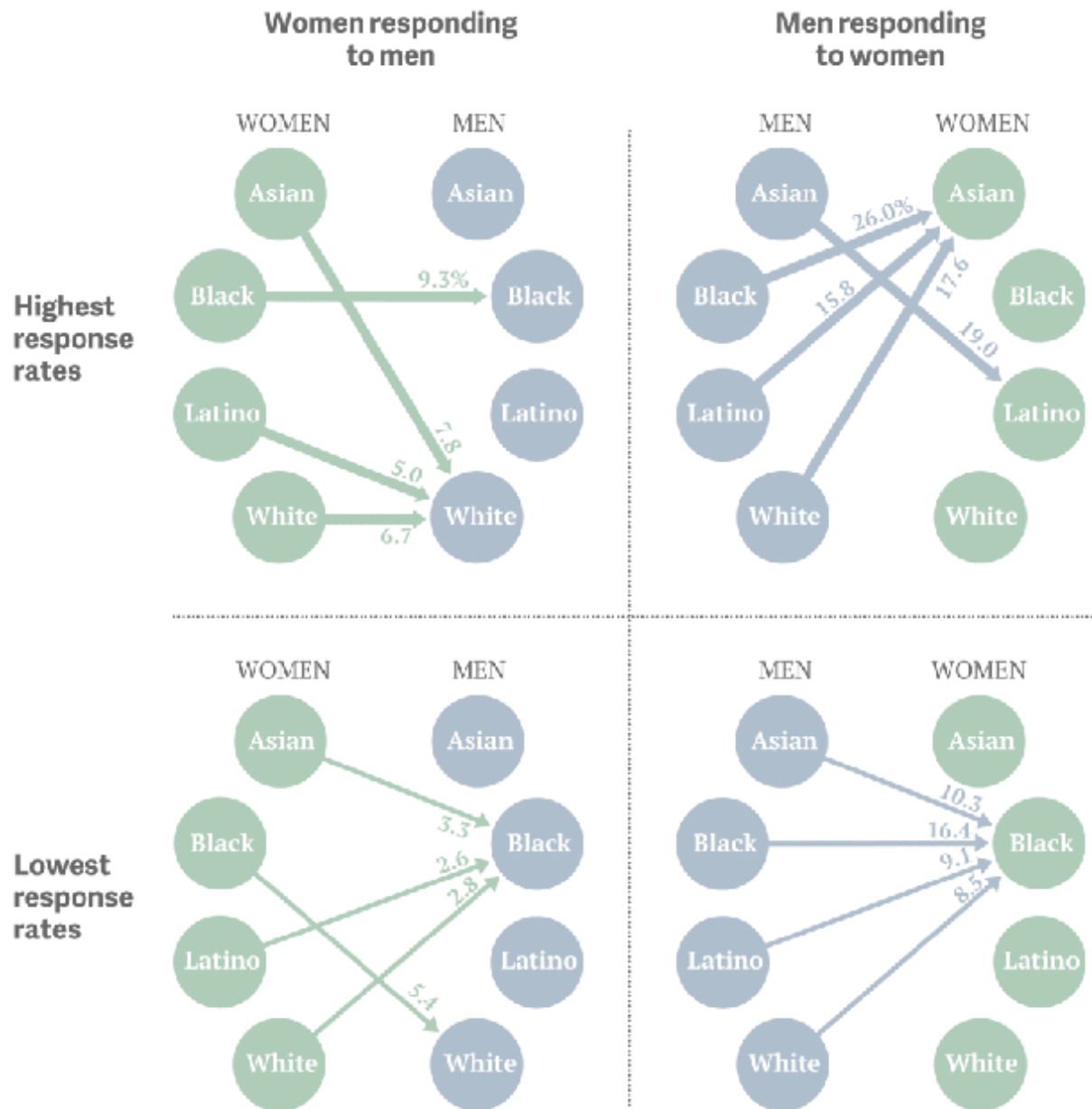
A proeminência dessa palavra-chave no site evidencia a objetificação e fetichização enfrentadas por mulheres amarelas na sociedade. A preferência dos usuários por essas categorias reflete, um imaginário coletivo que retrata essas mulheres como submissas, exóticas e sujeitas a uma sexualização exacerbada.

A controvérsia está principalmente na maneira como as mulheres amarelas são representadas em produções mainstream quando o enredo envolve com frequência performances de submissão e dominação sexual, resultando na produção de um imaginário que abre vias para a violência de gênero. Contudo, a problemática não diz respeito a apenas uma dimensão crítica relativa à indústria pornográfica, mas a sua repercussão sistêmica e ao histórico de um imaginário coletivo sexista e racista seminal no que tange ao mercado dos desejos e afetos (LEE, 2017, p.161).

A predileção por mulheres de ascendência asiática, frequentemente observada entre homens brancos, é um fenômeno notável que foi rotulado como “*Yellow Fever*” para descrever essa tendência. Esse termo refere-se à atração sexual de indivíduos não-amarelos por pessoas amarelas.

Essa atração muitas vezes se baseia na perpetuação de estereótipos enraizados na cultura popular sobre mulheres asiáticas. É importante ressaltar que estar em um relacionamento afetivo-sexual com uma pessoa asiática não implica necessariamente a presença de um fetiche; no entanto, o problema surge quando esse padrão de preferência se torna recorrente e generalizado.

Essa preferência pode ser ilustrada através do gráfico abaixo, extraído de dados coletados por um aplicativo de relacionamentos online, o ‘*Are You Interested*’, em 2013. Para chegar a essas conclusões, foram analisadas mais de 2,4 milhões de interações heterossexuais. Os resultados revelam que, com exceção dos homens asiáticos, todas as outras etnias demonstravam uma preferência por mulheres asiáticas.



The numbers shown represent the percentage of people responding to a 'yes' on Are You Interested, by gender and ethnicity of both parties

fonte: CODE SW!TCH (2013)

3.2.2 HISTÓRICO

Para entender a razão dessa objetificação e sexualização, temos que olhar algumas décadas do passado. Uma das maneiras de dominar e subjugar um país na guerra era fazendo isso justamente com os corpos das mulheres desse país, usando o estupro como arma de guerra. Por anos os corpos de mulheres amarelas foram usados dessa maneira.

No século XX, quando o Japão estava colonizando territórios da Ásia, ocorreu o “Massacre de Nanquim”, na invasão japonesa à China. Entre 1937 e 1938, além de todos os homens mortos, estima-se que entre 20.000 e 80.000 mulheres chinesas tenham sido vítimas de violência, estupro e assassinato pelas forças armadas japonesas que estavam ocupando a região. Esse episódio é considerado um dos mais terríveis atentados contra a humanidade.

A partir de então, o governo japonês sistematizou o esquema do que hoje conhecemos como “mulheres de conforto”. Mulheres amarelas, de países invadidos e ocupados pelo Japão, eram levadas aos bordéis militares e violentadas, usadas como objetos sexuais. Apesar do número real ainda não ser conhecido, há uma estimativa.

O número exato de mulheres levadas para esses bordéis é atualmente desconhecido, dado que o governo japonês queimou importantes escrituras históricas; porém, tendo por base alguns documentos que indicam a proporção de soldados japoneses às ‘mulheres de conforto’, os historiadores estimam que esse número varia entre 80 mil a 200 mil mulheres, sendo que menos de 30% destas sobreviveram. A mobilização incluiu principalmente moças da Coreia colonial, e, em menor escala, mulheres japonesas e de outros territórios ocupados, tais como Filipinas, Taiwan, Cingapura, Indonésia, Birmânia, Tailândia e Vietnã. Okamoto (ARAÚJO, 2020).

Vale ressaltar que até hoje, mesmo que haja remessas financeiras destinadas a algumas dessas mulheres, não houve um pedido de desculpas formal por parte do Japão, o que causa, ainda hoje, tensões diplomáticas entre os países.

Não foram apenas os soldados japoneses que submeteram essas mulheres a tais condições. Outros exemplos notáveis incluem a Guerra Filipino-Americana (1899-1913) e a própria ocupação dos Estados Unidos no Japão após a Segunda Guerra Mundial. Nessas circunstâncias, há relatos de mulheres amarelas sendo forçadas à prostituição (ARAÚJO, 2020)

Diante desses acontecimentos, evidencia-se um padrão em que mulheres amarelas foram frequentemente usadas como objetos sexuais e objetificadas, contribuindo para a construção de uma narrativa que as associa ao papel de submissão. Esse fenômeno influenciou significativamente a percepção, especialmente entre os homens ocidentais que observaram tais situações, alimentando a persistência do imaginário estereotipado das mulheres amarelas que perdura até os dias atuais.

[...] são contabilizáveis mais de 100 anos no qual mulheres amarelas são associadas à servidão sexual, e representadas diante de um imaginário hegemônico como dóceis e submissas desde o séc. XIX - período no qual o aumento de transações comerciais entre Europa e Ásia resultou na produção do Orientalismo como um movimento estético e poético, influente para a produção cultural, artística e literária da época. A política da repetição dessa história colonial reitera-se de forma cotidiana por meio dos vocabulários culturais e costumes tradicionais, calcificada em estruturas narrativas de livros e filmes, na construção do amor romântico quando o afeto e desejo constituem relações de poder (LEE, 2023, p 157).

3.3 ESTEREÓTIPOS RETRATADOS NA MÍDIA

Para além da participação na indústria pornográfica, as mulheres de ascendência asiática são frequentemente retratadas de maneiras estereotipadas nos meios de comunicação, cada representação caricata reflete e ilustra diversas facetas sob as quais a sociedade enxerga essas mulheres amarelas.

Apesar de nos últimos anos notarmos uma crescente representatividade amarela em Hollywood, em filmes como “Tudo em todo lugar ao mesmo tempo” (2023), Shang-Chi e a lenda dos dez anéis” (2021), “Podres de Ricos” (2018), “Meu eterno talvez” (2019), quando representadas, as mulheres ainda são muito frequentemente reduzidas a estereótipos, reforçando assim o imaginário popular.

Dentre os vários exemplos, podemos citar o estereótipo da “*China Doll*”/Gueixa”. Esse estereótipo será mais explorado no próximo capítulo, mas em resumo, as mulheres são caracterizadas como dóceis, submissas, passivas e obedientes. O principal exemplo é a personagem Sayuri, em “Memórias de uma Gueixa” (2005), que foi escolhida como estudo de caso para ilustrar esse trabalho.

Outro estereótipo frequentemente retratado é o da “*Dragon Lady*”, basicamente uma

versão da ideia do "Perigo Amarelo" personificado em uma mulher. Apesar de não ser representada como fraca, é vista como uma ameaça e, geralmente, desempenha o papel de vilã nas histórias. Costuma vestir-se com trajes tradicionais e possuir habilidades em artes marciais. Tem noção da sua sexualidade e usa como arma, além de ser sempre vista como misteriosa e exótica. Como exemplos podemos citar: Ling Moy, em “A filha do dragão” (1931); Lin Tang, em “As 13 noivas de Fu Manchu” (1966); Mizuki, em “47 Ronin” (2013) ; Miho, em “*Sin City 2*” (2014) ; Katana, em “Esquadrão suicida” (2016); *O-ren Ishii*, em “*Kill Bill: VOL 1*” (2004).

Além desses estereótipos comuns, há categorias adicionais, como "empregada" e "colegiais" presentes em animes, que, de alguma forma, acabam influenciando o imaginário popular ao associá-las a mulheres asiáticas, uma vez que são produzidas principalmente no Japão. Nestes dois exemplos, as mulheres são retratadas como inocentes, fofas e indefesas, de maneira bastante sexualizada.

3.4 CONCLUSÃO

Em resumo, as mulheres amarelas que vivem no Ocidente enfrentam uma objetificação peculiar, conforme explicado por Crenshaw na perspectiva da interseccionalidade, marcado pela fetichização exacerbada. Este fenômeno é notório ao analisarmos as estatísticas de websites de vídeos adultos e aplicativos de namoro - dois espaços onde as mulheres são frequentemente selecionadas com base puramente em sua aparência física - nos quais as mulheres amarelas são frequentemente destacadas.

Este fenômeno tem suas raízes em um histórico de guerras e colonização, no qual, por décadas, as mulheres de origem asiática tiveram seus corpos explorados como armas de guerra, reduzidos a objetos sexuais. Como resultado, a imagem associada à mulher amarela, especialmente aos olhos do Ocidente, é a de submissão.

A perpetuação desse estereótipo é alimentada, em parte, pela mídia, não apenas na indústria pornográfica, mas também na mídia tradicional. Filmes, séries e animações continuam a promover e validar esse imaginário, no qual as mulheres amarelas são retratadas mais como uma ideia do que como indivíduos reais.

4 MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA: UM ESTUDO DE CASO

Este capítulo realiza uma análise crítica do filme "Memórias de uma Gueixa", adaptado da obra homônima. Tanto na versão literária quanto na cinematográfica, a figura da gueixa é representada de maneira exótica, objetificada e submissa, sendo em grande medida retratada como uma figura de caráter essencialmente exótico e prostituído. Devido ao êxito comercial tanto do livro quanto do filme, essas representações contribuíram significativamente para a disseminação da concepção que atualmente permeia o imaginário ocidental a respeito do papel da gueixa, o que, por conseguinte, fomenta a fetichização do corpo das mulheres amarelas na sociedade ocidental contemporânea.

4.1 GOLDEN, MARSHALL E A PERPETUAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NA MÍDIA

"Memórias de uma Gueixa" (2005) inscreve-se em uma longa tradição de obras cinematográficas hollywoodianas que recorrem a arquétipos do Oriente retratados como elementos misteriosos, sensuais e exóticos. Alguns dos exemplos mais notáveis incluem "*Madame Butterfly*" (1898), "*Chrysanthemum and the Sword*" (1946), "*Rising Sun*" (1993), "*Lost in Translation*" (2003), "*The Last Samurai*" (2003) e "*The Outsider*" (2018). Cada um desses filmes desempenhou um papel significativo na disseminação de ideias orientalistas, contribuindo para a perpetuação de uma visão estereotipada e tendenciosa em relação às pessoas amarelas.

O livro "Memórias de uma Gueixa", escrito por Arthur Golden, foi publicado em 1997, e desde então traduzido para mais de 40 países, e permaneceu por dois anos na lista de mais vendidos do "*The New York Times*", vendendo milhões de cópias ao redor do mundo (SIMS, 2001).

Para uma compreensão mais aprofundada da perspectiva tendenciosa que se desenvolveu no livro, é imperativo examinar a identidade e o contexto cultural do autor. "Memórias de uma Gueixa" foi escrito por Arthur Golden, um nativo dos Estados Unidos, especificamente do estado do Tennessee, nascido em 1956. Sua formação acadêmica abrangeu uma graduação em História da Arte, com especialização em estudos japoneses, seguida pela obtenção de um mestrado em História do Japão. Golden vivenciou temporadas no Japão e na China, porém, em última instância, retornou aos Estados Unidos.

É essencial destacar que o autor do livro - que posteriormente alcançou o status de *best-seller*, foi adaptado para o cinema - e desempenhou um papel influente na configuração do imaginário ocidental acerca da mulher amarela, é um indivíduo de ascendência caucasiana, criado em um ambiente ocidental, sendo sua conexão com a cultura retratada na obra primordialmente de natureza acadêmica.

Devido à popularidade do livro, o filme baseado nele dirigido pelo diretor Rob Marshall foi lançado em 2005 e também atingiu imensa popularidade, conseguindo um faturamento na casa de centenas de milhões de dólares. O filme foi indicado para seis categorias do Oscar e ganhou três: *Best Cinematography*, *Best Art Direction* e *Best Costume Design*.

O impacto que o filme tem na construção do imaginário do que é uma Gueixa é claro ao analisarmos algumas críticas em sites de cinema. Muitos dos espectadores entendem a história não como ficção, mas como fatos: “Uma história magnífica, mostra com perfeição os costumes a muito tempo perdido no Japão, como as gueixas eram formadas e tratadas e como tudo mudou depois da guerra e os americanos se intrometeram e seus costumes e crenças” (LETÍCIA, 2015).

Além de contribuir para a construção do imaginário da imagem das Gueixas no geral, alguns indivíduos acabaram por confundir a narrativa como sendo biográfica em vez de ficcional:

Filme conta a história verídica de uma garota que fora vendida por seus pais no Japão nas primeiras décadas do século passado, onde, ao que parece, era uma cultura velada no Japão, crianças eram vendidas para se tornar Gueixas, o que até então, a gente não sabe do que se trata, pensa que são aquelas Japas com aqueles Kimonos e travesseiros nas costas, laços, e aqueles sapatos, mas, o filme nos mostra que o que era ser uma Gueixa era algo bem além das vestimentas (Usuário sem nome, 2020).

A representação da Gueixa no filme conduz o espectador a conceber a imagem da Gueixa como sendo associada à submissão, passividade e prostituição:

Embora o filme venda de uma história de amor, para mim, é uma história de sobrevivência. A gueixa não tem vontade própria, ela só tem uma opção - isso, a própria mestra de Sayuri fala, e é deixada clara sua veracidade no filme. Gueixa não tem espaço para ser ela mesma, é o que eu senti vendo uma menina sendo jogada de um lado para o outro, sendo sempre os que os outros queriam que ela fosse, dizendo o apropriado. Os momentos quanto a menina está a sós são de partir o coração, pois qual motivação ela tem pra viver? (JULIA, 2019).

Além disso, o filme contribui com a ideia de que o espectador está entrando em um mundo secreto e exótico, o qual o público só tem a possibilidade de vislumbrar através do filme:

[...] Naturalmente, o principal apelo do filme é o vislumbre da verdadeira natureza da gueixa... como uma gueixa se torna um pináculo de elegância e classe, uma mestra do entretenimento e uma agente real de muitas graças gentis, como ela vende suas habilidades e não seu corpo, como ela pode ser a guardiã das artes tradicionais e como ela pode parar um homem em suas trilhas como apenas um olhar. [...] “Memórias de uma Gueixa” não revela todos os seus segredos na primeira visualização; há muitas camadas de significado e mistério para serem vistas repetidamente (Usuario sem nome, 2006)⁵.

Os impactos do livro foram motivo de preocupação para pessoas da comunidade, como é possível perceber nos relatos abaixo, lançados logo após a divulgação do processo contra Golden:

Peter MacIntosh, um fotógrafo canadense que é casado com uma ex-gueixa de Kyoto, disse que a comunidade das gueixas está tentando projetar a impressão de que não se importa com o romance. Mas, ele disse, “a verdade é que estão preocupadas por que este livro, correta ou erroneamente, está moldando o que o mundo pensa sobre elas”. [...] O romance causou consternação no mundo refinado das gueixas, onde a discrição é a tradição. Dentro dos círculos das gueixas, há uma preocupação crescente de que a disputa sobre o livro, especialmente passagens que lidam com relações sexuais entre clientes e gueixas, mancharam a reputação da indústria e fortaleceu as noções ocidentais de que as gueixas são pouco mais do que prostitutas altamente cultas. (SIMS, 2001)⁶.

4.2 “NOTA DO TRADUTOR”: A VOZ ORIENTALISTA

Um dos maiores atrativos do livro, que faz com que especialmente as audiências ocidentais sejam tão fascinadas pela história, é que, apesar de ser ficção, ele parece ser contado por um *insider*, alguém que tem um conhecimento íntimo por dentro do mundo secreto das

⁵ IMDb. (s.d.). *Memoirs of a Geisha*. Recuperado de: https://www.imdb.com/title/tt0397535/reviews?ref_=tt_urv (Tradução do autor)

⁶ SIMS, Calvin. *ARTS ABROAD; A Geisha, a Successful Novel and a Lawsuit*. The New York Times. 19 de junho de 2001. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2001/06/19/books/arts-abroad-a-geisha-a-successful-novel-and-a-lawsuit.html>. Acesso em 8 de Abril de 2024 (Tradução do autor)

gueixas. Isso se dá justamente porque o livro começa com uma falsa “Nota do tradutor” e o resto do livro é escrito em primeira pessoa.

A história é narrada em primeira pessoa, do ponto de vista narrativo de Sayuri, também a personagem principal da história. No entanto, o narrador passa por um filtro três vezes: primeira, porque Sayuri que explica a história é uma idosa, então ela lembra de uma certa distância; segundo, por que Sayuri conta a história para o falso tradutor, Jakob Haarhuis, que é quem escreve; e terceiro, o próprio autor, Arthur Golden, que não é japonês nem mulher. Portanto, no final, o texto que temos é uma versão fortemente filtrada da história de Sayuri, através das visões de dois homens diferentes que não compartilham a mesma cultura que a protagonista. (NOGUERA, 2019, p.17)⁷.

Nessa nota, “Jakob Haarhuis” conta um pouco sobre a história da sua vida, os caminhos que levaram a conhecer pessoalmente Sayuri, a gueixa protagonista da história, e como ela confidenciou a ele sua história pessoal, dando um tom biográfico e assim, um caráter realista.

Por ser um estudioso do Japão, eu já ouvira falar de Sayuri, embora quase nada soubesse a respeito dela. Nossa amizade cresceu, ela confiava cada vez mais em mim. Certo dia perguntei se pensava em permitir que sua história fosse contada. – Bem, Jakob-san, talvez, se você a registrar – disse-me. E foi assim que iniciamos nossa parceria (GOLDEN, 1997, p.7).

Nessa nota, o autor, por meio da voz de “Haarhuis” questiona o gênero autobiográfico, usando como argumento que uma pessoa que escreve uma autobiografia nunca poderia ter a visão de fora acerca da sua própria vida, e que isso geraria pontos cegos. Esse ponto de vista já indica um olhar bastante colonialista e padronizador, tirando da pessoa cuja história será contada, o poder de objetividade.

Por ser historiador, sempre considerei memórias uma fonte de pesquisa. Uma memória é mais um registro do universo do memorialista que do memorialista em si. É diferente da biografia na medida em que um memorialista nunca vai conseguir obter a perspectiva do biógrafo. Autobiografia, se é que isso existe, é como pedir a um coelho que nos conte que percepção ele tem de si mesmo enquanto saltita pelo campo. Como poderia saber? Se quiséssemos ouvir algo a respeito do campo, por outro lado, ninguém estaria em melhores condições de nos relatar isso do que o coelho – desde que lembremos que nos ficaríamos faltando todas as coisas que ele não conseguisse observar (GOLDEN, 1997, p.6).

Nessa nota o autor dá detalhes do processo de escrita ficcional, dizendo que passou 18 meses entrevistando Sayuri, em sessões de 2 a 3 horas, todas gravadas, acompanhado geralmente por sua secretária. Essa parte confere um tom de legitimidade e autoridade sobre os

⁷ NOGUERA, Elisabet O. Orientalism in American narrative and cinema: the case of memoirs of a geisha. Grau d'Estudis Anglesos. Barcelona, 11 de junho de 2019 (Tradução do autor).

“relatos” do livro. Além disso, na própria nota, Haahrhuis menciona como “Sayuri” confiava nele, e como ele sentiu que foi escolhido a dedo e incumbido com a tarefa de contar essa história:

Embora gravássemos cada sessão em fita, sua secretária estava presente para também transcrever seu ditado, o que fazia com grande fidelidade. Mas Sayuri jamais falava com o gravador ou com a secretária: falava sempre comigo. Quando tinha dúvidas a respeito de como prosseguir, era a mim que consultava. Eu me considerava o alicerce daquele empreendimento e sentia que a história dela jamais teria sido contada se eu não tivesse conquistado sua confiança. Hoje vejo isso de outra forma. Foi Sayuri quem me escolheu para a tarefa de registrar seu relato, mas talvez ela sempre tivesse esperado que surgisse o candidato certo (GOLDEN, 1997, p.8).

4.2.1 IWASAKI X GOLDEN

Cabe ressaltar que nem Haahrhuis, nem Sayuri existiram, apesar de que a última foi baseada em partes na vida de Mineko Iwasaki, quem foi uma das gueixas mais famosas do Japão. Na parte final do livro na edição em inglês, em “*acknowledgements*”, o autor menciona Iwasaka. A audiência é levada a pensar que o livro é biográfico, e que os relatos são baseados na realidade, o que reforça ainda mais a ideia de estar entrando em um mundo secreto e exótico através de um *insider*: “*Golden adds to this feeling of realness with his “Acknowledgments” at the end of the book, where he mentions Mineko, the real geisha that gave him an insight into the secret world and told him about her geisha life in “intimate detail”* (OBRADORS, 2019, p. 15).

Segundo Iwasaki, ela concordou em ser entrevistada pelo autor, na condição de permanecer anônima, o que não aconteceu. Por essa razão, em 2001, Iwasaki processa Golden por quebra de contrato e difamação.

[...] A Sra. Iwasaki expressou arrependimento por ter divulgado sua história ao Sr. Golden. Em uma entrevista recente e em um processo que ela entrou na corte federal de Manhattan, ela afirmou que, ao usar seu nome, apesar do que ela afirma ter sido um acordo para manter sua identidade em segredo, o Sr. Golden denegriu sua reputação na comunidade de gueixas, que por séculos manteve uma tradição de discrição. Ela está processando-o agora por uma parte dos lucros do livro. “Se eu tivesse qualquer indício de que Arthur Golden ia usar meu nome, nunca o teria permitido entrar na minha casa”, disse ela. “Este livro trouxe vergonha à minha profissão” (SIMS, 2001)⁸.

A habilidade de escrita do autor é inquestionável, mas vale a reflexão sobre o sucesso do livro em questão. Como sabemos, foi inspirado na vida de Mineko Iwasaki, e esta diz que a

⁸ SIMS, Calvin. ARTS ABROAD; A Geisha, a Successful Novel and a Lawsuit. The New York Times. 19 de junho de 2001. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2001/06/19/books/arts-abroad-a-geisha-a-successful-novel-and-a-lawsuit.html>. Acesso em 8 de Abril de 2024 (Tradução do autor)

maior parte do livro foi baseado na sua história pessoal: “*A Sra. Iwasaki afirma que 90 por cento do romance é baseado em sua história de vida conforme contada ao Sr. Golden*” (SIMS, 2001). Apesar de Iwasaki publicar sua autobiografia “*Geisha: a life*”, lançado em 2002, o livro não chegou nem perto de alcançar o status que o livro de Golden teve, afinal, um livro de ficção tem o poder de entreter mais do que uma biografia:

[...] Enquanto a não-ficção busca informar, bem como entreter, a ficção busca estimular os sentidos, excitar e entreter o público. No caso de Golden, o público-alvo de seu livro era o Ocidente. Golden tratou as gueixas como um objeto a ser sexualizado, exotificado e romantizado pelo Ocidente. (AKITA, 2006, p.2)⁹.

Apesar da sua criatividade, é improvável que ele tivesse conseguido escrever o livro exclusivamente com base em sua inventividade e imaginação. Sem os relatos fornecidos por Iwasaki, a obra simplesmente não teria tomado forma, pelo menos não da maneira que a conhecemos.

4.3 MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA, O FILME

A partir de agora, analisaremos o filme “*Memórias de uma Gueixa*”, filme de 2005, dirigido por Rob Marshall, a partir de uma perspectiva crítica. Os elementos analisados são as personagens principais, cenário, figurino, maquiagem, atrizes, idioma e representação estadunidense no filme.

4.3.1 RESUMO DO FILME

A história se passa em 1929, onde a protagonista, Chiyo, é uma menina morando com os seus pais e a irmã mais velha em uma vila de pescadores. Um dia a família recebe a visita de um homem rico da cidade, o Sr. Ichiro Tanaka, que nota os olhos claros de Chiyo. Após negociar com o pai, as meninas são vendidas para um *Okiya*, uma casa tradicional onde adolescentes são treinadas para futuramente exercer a profissão de Gueixa.

Nesse *Okiya*, Chiyo começa a trabalhar com afazeres domésticos, enquanto estuda para ser uma Gueixa. No local, ela encontra outras mulheres: Pumpkin, outra garota que está na mesma situação que ela, e que no futuro torna-se sua amiga; Hatsumomo, a antagonista do filme,

⁹ AKITA, Kimiko. Orientalism and the Binary of Fact and Fiction in *Memoirs of a Geisha*. Global Media Journal. Florida, v.5, n.9 p.2-9, 2006 (Tradução do autor)

personagem que dificulta a vida da protagonista, e a Sra. Niita, a empresária dona do estabelecimento. Chiyo tenta fugir e voltar para casa, porém acaba sendo pego. Como punição, Sra. Niita para de pagar suas aulas, e a partir de então ela fica totalmente responsável pelos afazeres domésticos.

Anos depois, ainda sendo funcionária do Okiya, Chiyo encontra o “Presidente”, um empresário rico e bem-sucedido, enquanto está chorando às margens de um riacho. Ele oferece um lenço para limpar suas lágrimas, o qual ela guarda com ela. O empresário estava acompanhado de duas Gueixas, e nesse momento a protagonista decide tornar-se uma Gueixa, para um dia poder acompanhá-lo.

Logo após esse encontro, Chiyo começa a ser treinada por Mameha para se tornar uma Gueixa. Mameha convence Sra. Niita a investir novamente em Chiyo, e ela começa o treinamento. Enquanto Chiyo treinada por Mameha, sua amiga Pumpkin também torna-se aprendiz, tendo como professora Hatsumomo. Com a ajuda de Mameha, uma famosa gueixa e rival de Hatsumomo, Chiyo, agora conhecida como Sayuri, torna-se aprendiz de gueixa. Ela estreou como gueixa um ano após sua amiga Pumpkin.

Sayuri torna-se uma das Gueixas mais famosas e desejadas, conseguindo bater um recorde pela venda da sua virgindade e vai eventualmente a um evento onde ela reencontra o Presidente. Mameha guia Sayuri por vários desafios, incluindo uma jogada estratégica envolvendo um médico abastado para garantir a posição de Sayuri. Ela é adotada pela okiya, causando uma ruptura entre ela e Pumpkin.

Durante a guerra, o distrito de gueixas fecha, e Sayuri é enviada para uma vila para costurar paraquedas. Após a guerra, um antigo cliente empresário busca Sayuri para entreter o Ministro pelo bem de sua empresa. Sayuri concorda relutantemente com a proteção, por sentir-se endividada. Depois de diversas reviravoltas, Sayuri e o Presidente se aproximam, e ele confessa seu amor por Sayuri e torna-se seu protetor. Ao longo dos anos, ela se muda para Nova York e, onde tem o primeiro filho com o Presidente.

4.3.2 NARRATIVA E PERSONAGENS FEMININAS: REFORÇANDO ESTEREÓTIPOS

Apesar de ser um filme que diz contar a história de uma protagonista oriental em um cenário supostamente estrangeiro e exótico, o roteiro em si é bastante familiar à audiência ocidental, ao ser basicamente uma “*Cinderella Story*”.

“*Cinderella Story*” é um termo usado em inglês, significando quando a história contada é uma narrativa familiar na qual um personagem bom, que vem de origens modestas e/ou baixo status social, inesperadamente, ou depois de bastante esforço, atinge sucesso ou reconhecimento público.

Os americanos chamam quase qualquer coisa de história de Cinderela que envolva algo bom acontecendo com alguém legal. Colocamos esse título em filmes e livros, mas também em jogos de basquete vencidos por escolas pequenas cheias de nerds magricelas, pequenos negócios que prosperam e até mesmo ascensões políticas que derrubam poderes estabelecidos (HOLMES, 2015)¹⁰.

Na visão ocidental, o filme se passa em um cenário “exótico” e “desconhecido”, apresentando a história de uma personagem que aparenta pertencer a um universo distinto, a trama é surpreendentemente familiar. Esse fator proporciona à audiência uma sensação de conforto. Um dos elementos-chave que conduzem a essa conclusão é a própria história da protagonista: originária de um meio humilde, ela enfrenta adversidades e é constantemente maltratada. Ao longo da narrativa, é habilmente retratada como uma figura doce e benevolente, uma verdadeira heroína que, no desfecho, encontra a salvação por meio do amor — um amor que, evidentemente, surge à primeira vista.

Além da Sayuri, outras personagens também representam ideias e estereótipos ligados às mulheres amarelas. Em seguida, exploraremos com mais profundidade as principais personagens do filme.

4.3.2.1 SAYURI

Sayuri é a protagonista, e apesar disso é bastante unidimensional. Ela é uma representação idealizada correspondendo a todas as fantasias atribuídas a uma heroína. Desde o início é representada como sendo inocente, bonita, apesar de não ter consciência de sua própria beleza, é algo que faz ela única, diferente de todas: os olhos cinza (uma característica física

¹⁰ HOLMES, Linda. A girl, A shoe, A Prince: The Endlessly Evolving Cinderella. NPR. 2015 (Tradução do autor)

extremamente rara para uma pessoa japonesa). Apesar de todas as mulheres à sua volta um ponto ou outro terem se “corrompido” durante a história, Sayuri permanece intacta, perfeita e pura, devido ao amor que sente pelo Presidente.

Ela representa um dos estereótipos mais ligado às mulheres amarelas, a “*chinese doll*”: a mulher inocente, submissa, dócil, tímida, delicada e exótica.

4.3.2.2 HATSUMOMO

Hatsumomo é a personagem com mais dimensão em toda a história. No início da narrativa, ela já se estabelece como uma experiente gueixa na *Okiya* quando Sayuri ingressa. Ela possui uma consciência aguçada de sua própria sexualidade, ela utiliza essa percepção como uma ferramenta, ganhando a reputação de mulher manipuladora e personificando o estereótipo da “*Dragon Lady*”.

Desde os primeiros encontros com Sayuri, Hatsumomo a enxerga como uma ameaça direta e emprega todos os meios cruéis disponíveis para preservar seu status na hierarquia, por saber o que quer e fazer de tudo para conseguir, ela é desde o início vilanizada.

A totalidade da sua personalidade serve como um contraponto marcante em relação à protagonista. Enquanto Sayuri é caracterizada por sua humildade, gentileza e busca pelo “verdadeiro amor”, Hatsumomo revela-se como uma figura competitiva, cruel e voltada exclusivamente para seus próprios interesses.

4.3.2.3 NIITA

Dominar todas as habilidades empresariais e sociais para gerir um *Okiya* daria em si um filme, mas a “mãe”, a dona do *Okiya*, é representada como sendo uma mulher gananciosa, tendo sua existência voltada ao dinheiro. Ela não tem outra característica a não ser ganhar mais dinheiro. Não sabemos nada sobre ela, sobre suas motivações nem sobre seu passado. Ela se aproxima da definição do estereótipo da “*Tiger mom*”:

Embora deva ter havido personagens gananciosos entre as gueixas reais, e embora o filme deva ser aplaudido por incluir um sentido do lado comercial do mundo, a complexa situação empresarial é realmente simplificada demais. Além disso, quanto ao estresse da indústria, a habilidade que ela necessitava, as sutis relações comerciais que

compunham todo o bairro e a forma como essas mulheres tinham que cooperar para sobreviver em uma sociedade machista, esses são temas que não são abordados neste filme (MELI, 2005, p.33)¹¹.

A falta de profundidade nas personagens principais reflete uma abordagem superficial em relação à representação das mulheres asiáticas, deixando de explorar a complexidade de suas vidas e os desafios enfrentados em uma sociedade tradicional.

Em suma, "Memórias de uma Gueixa" reforça estereótipos arraigados sobre mulheres amarelas, proporcionando uma visão simplificada e muitas vezes distorcida de suas vidas. Essas representações mostram como as narrativas cinematográficas podem perpetuar concepções limitadas e superficiais, ao invés de explorar a riqueza e diversidade das experiências femininas asiáticas.

4.3.3 ANÁLISE DOS ELEMENTOS DO FILME: O OLHAR ORIENTALISTA TRADUZIDO NAS TELAS

Entre o livro e a adaptação cinematográfica, existem algumas mudanças que valem a pena ser exploradas. O livro, de modo algum, retrata com fidelidade a cultura e sociedade japonesa da época, mas o filme apresenta uma abordagem ainda mais problemática. Produzido em *Hollywood*, o filme adere aos padrões convencionais da indústria cinematográfica americana, transformando as personagens em estereótipos exacerbados, mais do que seres humanos complexos, conforme mencionado anteriormente. Ademais das personagens, outras modificações também merecem atenção, e iremos explorá-las a seguir:

4.3.3.1 CENÁRIO

Visualmente, o filme traz pontos de referências reconhecíveis da cidade de *Kyoto*, por exemplo, o Santuário *Fushimi Inari* (figura 2), como uma forma de atrair o público e fazer com que a audiência se sinta confortável o suficiente, capitalizando o apelo “exótico” desse local para efeitos dramáticos. O livro nunca menciona esse ponto turístico, ele aparece no filme porque é

¹¹ MELI, Mark. *Memoirs of a Geisha in Filme: Authenticity, Gender, and Orientalism*. Kansai, v.45, p. 25-44, 20 de Dezembro de 2005 (Tradução do autor)

um ponto reconhecível para os ocidentais. Vale ressaltar que as cenas que se passam nas ruas de *Kyoto* foram filmadas em estúdios de *Los Angeles* e retratam *Kyoto* atual, não a cidade há 100 anos.

Figura 2: Santuário *Fushimi Inari*



Fonte: Marshall, 2005.

4.3.3.2 FIGURINO E MAQUIAGEM

A Gueixa é uma figura emblemática da cultura japonesa, sendo que a palavra "Gueixa" em japonês se traduz como "artista". Essa forma de arte vai além das danças e da cerimônia do chá; engloba toda uma experiência estética desde o momento em que as gueixas se preparam. Cada elemento, desde a escolha do vestuário até a aplicação cuidadosa da maquiagem e os detalhes dos ornamentos capilares, contribui para a beleza, tradição e expressão artística única das gueixas. Cada aspecto é meticulosamente pensado, e uma pequena alteração pode carregar significados profundos segundo a tradição.

Figura 3: Exibição de Kikuno, a última gueixa de Nara



Fonte: Wong

No entanto, o diretor do filme desconsidera toda essa riqueza cultural ao adaptar o figurino, a maquiagem e até mesmo o penteado das gueixas para atender ao gosto do público ocidental.

As gueixas pintam seus rostos completamente de branco como um fantasma, suas sobrancelhas são escurecidas, seus lábios são acentuados em vermelho sutilmente e seus cabelos são arrumados em um estilo grande que abraça todo o rosto; enquanto isso, no filme, apreciamos um tipo de maquiagem mais ocidental para atrair o público, a palidez é muito suavizada, com Mameha (mulher no meio da foto) nem mesmo usando maquiagem; e o penteado é muito menos volumoso do que o que uma verdadeira gueixa usaria, com diferenças claras no penteado entre as gueixas no filme enquanto na realidade as diferenças seriam muito mais sutis. (NOGUERA, 2019, p.27)¹².

Essa abordagem claramente visa ganhar uma maior aceitação por parte do público estrangeiro, contudo, ao fazê-lo, desrespeita a tradição e facilita a fetichização por parte do público ocidental. Todos os elementos visuais que compõem a estética das gueixas no filme são ajustados para minimizar o estranhamento que poderia ser sentido por uma audiência ocidental. Embora essas adaptações acrescentem uma pitada de "exotismo", elas, ao mesmo tempo, suavizam

¹² NOGUERA, Elisabet O. Orientalism in American narrative and cinema: the case of memoirs of a geisha. Grau d'Estudis Anglesos. Barcelona, 11 de junho de 2019 (Tradução do autor).

o impacto, criando uma narrativa que sugere a descoberta de um "mundo secreto e exclusivo", embora essa representação não seja totalmente autêntica (Figura 4).

Figura 4: Mudanças de figurinos e de maquiagem



Fonte: *Memoirs of a Geisha* (2005)

4.3.3.3 ATRIZES NÃO-JAPONESAS

A seleção do elenco principal foi um tema polêmico na produção do filme "Memórias de uma Gueixa". O filme pretende retratar a vida de uma das figuras mais emblemáticas da cultura japonesa, da gueixa, escala, para representar esse papel, atrizes de origem não japonesa.

A protagonista Sayuri foi interpretada por Zhang Ziyi, enquanto Hatsumomo, a antagonista, foi personificada por Gong Li, ambas atrizes de nacionalidade chinesa. O papel de Mameha, outra personagem proeminente na trama, foi desempenhado por Michelle Yeoh, de ascendência malaia. É pertinente observar que essa escolha de elenco suscitou desconforto tanto entre a comunidade chinesa quanto japonesa, em razão da notória rivalidade histórica entre essas nações, especialmente no contexto da ocupação japonesa na China durante o início do século XX.

A justificativa do diretor para a escolha do elenco foi a popularidade das atrizes, segundo Golden: “*Segundo LaPorte (2005), ninguém além de Zhang Ziyi poderia interpretar Sayuri, e para ajudar no sucesso do filme, o direto decidiu escalar atores famosos, e nenhuma atriz japonesa tinha o apelo de Ziyi ou Yeoh (Gritten, 2005)*” (NOGUERA, 2019, p.23)¹³.

¹³Idem.

A decisão de escalar atrizes de origem chinesa para representar personagens japoneses no filme reflete de maneira concludente os elementos do pensamento orientalista frequentemente identificados em produções de *Hollywood*. O diretor não considerou devidamente as diferenças culturais e as rivalidades históricas, o que contribui para a percepção da mulher asiática como uma entidade intercambiável e passível de ser retratada de maneira indiferenciável.

4.3.3.4 IDIOMA

Os idiomas do filme original são em inglês e japonês, sendo a maioria das cenas em inglês, com um sotaque falso-japonês e frases japonesas esporádicas. Essa mistura linguística corrobora com o tom “exótico” do filme, com referências a elementos japoneses reforçando a sensação de mistério e revelando um mundo supostamente proibido.

Na parcela do filme que apresenta diálogos em língua japonesa, é perceptível a falta de habilidade no idioma japonês pelas atrizes não japonesas. Este fenômeno assemelha-se à situação hipotética em que uma atriz de nacionalidade croata, sem domínio da língua portuguesa, fosse selecionada para interpretar uma personagem brasileira em um filme. Apesar de eventuais esforços de treinamento linguístico, o sotaque resultante permaneceria perceptível aos ouvidos dos brasileiros, dada a sua familiaridade com a língua e a capacidade de identificar nuances na pronúncia.

As cenas que apresentam diálogos em inglês com um sotaque "oriental" falso também geram desconforto. Esse tipo de sotaque evoca representações passadas de filmes mais antigos, onde indivíduos de ascendência asiática eram ridicularizados devido à sua suposta dificuldade com o inglês. Nesses casos, o uso desse sotaque tinha o propósito de gerar efeitos cômicos, o que não é o foco desse filme.

Além disso, cabe uma análise dos momentos em que o idioma japonês é usado no filme. Na primeira cena, que se passa no interior, a protagonista está falando com a sua irmã em japonês. No momento que ela chega na cidade, o diálogo é trocado para o inglês. “*Isso dá a impressão de que o japonês é a língua inelegante dos camponeses no campo, enquanto o inglês significa a língua da classe e da elegância*” (MELI, 2005, p. 31)¹⁴. Outro exemplo é na cena

¹⁴ MELI, Mark. *Memoirs of a Geisha in Filme: Authenticity, Gender, and Orientalism*. Kansai, v.45, p. 25-44, 20 de Dezembro de 2005 (Tradução do autor)

onde os soldados japoneses fecham o Okiya durante a Segunda Guerra Mundial, eles estão falando em japonês: *“Como nessa época eles estariam em guerra com os americanos, isso funciona para distanciá-los, retratando os militares no Japão em tempo de guerra como algo completamente diferente do mundo das gueixas”* (MELI, 2005, p. 31)¹⁵.

O uso do idioma é instrumentalizado, usado como uma ferramenta narrativa poderosa, moldando a percepção do público em relação aos personagens e às situações.

4.3.4 REPRESENTAÇÃO ESTADUNIDENSE NO FILME: FALSA NARRATIVA

Memórias de uma Gueixa se passa no século XX, antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial. Em 1945, após os bombardeios de *Hiroshima* e *Nagasaki* por parte dos Estados Unidos, o Japão se rendeu, abrindo as portas para uma ocupação do exército estadunidense. O filme e o livro retratam isso na parte final, com uma clara visão orientalista, mostrando uma imagem falsamente positiva desses soldados.

O exército estadunidense matou milhares de civis, estuprou diversas mulheres, e bombardeou duas cidades, mas segundo o livro, o primeiro encontro de Sayuri com eles não foi negativo. A personagem não demonstra nenhum ressentimento, ao contrário, ela elogia os soldados: *“Todas as histórias sobre soldados americanos invasores nos estuprando e nos matando acabaram por se revelar erradas; e na verdade, gradualmente percebemos que, em geral, os americanos eram notavelmente gentis”* (GOLDEN, 1997, p.235)¹⁶.

Nesse trecho, Golden nega fatos históricos para criar uma falsa narrativa de superioridade Ocidental em contraponto com o “Oriente”. Os soldados eram gentis, e tratavam bem as mulheres japonesas que estavam ali. Ao analisar a representação estadunidense, torna-se evidente a construção de uma narrativa orientalista, auxiliando na perpetuação da ideia de superioridade ocidental.

¹⁵ Idem.

¹⁶ GOLDEN, Arthur. Memórias de um Gueixa. New York. Alfred A. Knopf. 1997 (Tradução do autor)

4.4 CONCLUSÃO

“Memórias de uma Gueixa” é um ícone na cultura pop, tendo sucesso tanto de vendas do livro, alcançando o status de *best-seller*, quanto na sua adaptação cinematográfica, sendo nomeado e ganhando algumas categorias no Oscar.

Golden, o autor, não tem laços culturais com o Japão, país cuja tradição ele retrata na história, a ligação é apenas acadêmica. Sua perspectiva como um homem branco que viveu a maior parte da sua vida no Ocidente o levam a conceber uma narrativa que utiliza elementos para reforçar ideias orientalistas. Além disso, o autor recorre a “figuras de autoridade”, como o próprio personagem fictício que se apresenta como tradutor no início do livro e os agradecimentos à Iwasaki no final, conferindo à obra um ar de autenticidade.

O filme reforça visualmente muitos dos elementos que contribuem para a ideia de um “Oriente exótico”, desde o figurino, até o cenário e a maquiagem, nada é autêntico, mas todos os elementos levam o espectador a sentir que está entrando em um mundo secreto e exótico. As personagens femininas são meras representações de estereótipos, sem muita dimensão, sendo as atrizes inclusive intercambiáveis independente da etnia e país de origem.

A história é uma ficção, que apesar de inspirada em uma história real, dá uma ênfase desproporcional aos relacionamentos românticos, e envolve encontros sexuais, o que associa a imagem da Gueixa àquela de acompanhante sexual e de interesse romântico, e não tanto ao aspecto artístico, que é o cerne da profissão de uma Gueixa real.

Devido ao sucesso, não é exagero afirmar que tanto o livro quanto o filme deixaram um impacto profundo no imaginário coletivo, moldando significativamente a percepção da figura da gueixa, o que, por sua vez, contribui para a propagação de estereótipos relacionados às mulheres amarelas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender como se deu a formação da identidade das mulheres amarelas no contexto ocidental, é fundamental examinar primeiramente a construção da identidade de indivíduos amarelos no Ocidente em geral. Para isso, é importante entender o conceito de "Orientalismo", que aliado à construção do "Outro", ilustra como a Europa historicamente se afirmou ao contrastar sua própria identidade com a imagem do Oriente, uma estratégia que reforçou hierarquias raciais e perpetua estereótipos. A noção do "Perigo Amarelo" e o "Mito da Minoria Modelo" são exemplos claros dessa instrumentalização do medo e da meritocracia como narrativas para justificar políticas excludentes e manter uma visão homogeneizada das minorias. Essas representações acabaram por marginalizar o indivíduo amarelo no Ocidente, constantemente relegado à posição de estrangeiro, mesmo quando atribuído com supostos privilégios.

A análise dos conceitos discutidos revela que as percepções arraigadas sobre as pessoas amarelas no Ocidente são construções moldadas por uma classe dominante, historicamente empenhada em afirmar seu próprio poder por meio da marginalização do "Outro". Essas narrativas, embora antigas, continuam a ressoar nas interações cotidianas e na percepção contemporânea.

Após entender o que é Orientalismo, é necessário a compreensão do conceito de Feminismo Interseccional. A análise de Kimberlé Crenshaw sobre o interseccionalismo evidencia a fetichização exacerbada enfrentada pelas mulheres amarelas no Ocidente, um fenômeno que se manifesta de forma gritante em espaços como websites de vídeos adultos e aplicativos de namoro. Essa fetichização histórica está profundamente enraizada em um passado de colonização e guerras, onde as mulheres asiáticas foram reduzidas a objetos sexuais durante eventos traumáticos como o Massacre de Nanquim, e a Segunda Guerra Mundial, perpetuando a visão de submissão aos olhos do Ocidente.

A perpetuação desses estereótipos é alimentada pela mídia, que não só válida, mas também promove ativamente a fetichização das mulheres amarelas. Filmes, séries e animações continuam a retratá-las como meras ideias estereotipadas, desumanizando-as e contribuindo para a manutenção de narrativas de poder e dominação. Assim, é imperativo desafiar e desconstruir essas representações para promover uma visão mais justa e respeitosa da diversidade étnica e

cultural, menos xenofóbica, combatendo a objetificação das mulheres amarelas no contexto ocidental.

Um dos maiores exemplos de como a mulher amarela é vista pela cultura popular é "Memórias de uma Gueixa": a obra emerge como um ícone cultural, celebrado tanto no mercado literário quanto na indústria cinematográfica, destacando-se por seu sucesso de vendas e reconhecimento nos Oscars. No entanto, a obra de Golden perpetua estereótipos orientalistas, refletindo sua perspectiva desprovida de vínculos culturais japoneses e sua construção narrativa centrada em elementos fictícios que conferem uma aparência de autenticidade.

O filme, ao adotar uma estética visual exótica e estereotipada, reforça essa imagem de um Oriente misterioso, enquanto as personagens femininas são reduzidas a representações superficiais, desprovidas de profundidade, contribuindo para a deturpação da figura da gueixa, associada predominantemente a uma visão sexualizada, em detrimento de sua verdadeira essência artística.

A narrativa, embora inspirada em eventos reais, distorce a realidade ao dar primazia aos relacionamentos românticos e encontros sexuais, desvirtuando a imagem da gueixa como uma artista habilidosa para um estereótipo de acompanhante sexual e objeto de desejo. Dessa forma, "Memórias de uma Gueixa" exemplifica como a mídia, através da criação de falsas narrativas e da estetização orientalista, perpetua estereótipos e distorce a representação de culturas e identidades, contribuindo para a construção de uma visão deturpada e simplificada do "Outro".

Diante do exposto, torna-se evidente que a construção da identidade das mulheres amarelas no contexto ocidental é profundamente enraizada em narrativas orientalistas e estereotipadas que as fetichizam de uma maneira única. Essas representações perpetuam uma visão distorcida e desumanizada dessas mulheres, reduzindo-as a meros objetos de desejo ou figuras exóticas.

É imperativo desafiar e desconstruir esses estereótipos tão presentes na sociedade. Isso implica não apenas questionar as narrativas midiáticas que perpetuam tais representações, como também reconhecer a complexidade e diversidade das identidades das mulheres amarelas. Além disso, é necessário incentivar a produção e promoção de narrativas autênticas e multifacetadas que deem voz às próprias mulheres amarelas, permitindo que elas controlem sua própria representação e desafiem os estereótipos impostos sobre elas.

REFERÊNCIAS

- GOLDEN, Arthur. **Memórias de um Gueixa**. New York. Alfred A. Knopf. 1997.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: como invenção do Ocidente**. São Paulo. Companhia de Bolso, 2003.
- IWASAKI, Mineko. BROWN, Rade. **Minha vida como Gueixa**. São Paulo. Editora JBC. 2005.
- MELI, Mark. **Memoirs of a Geisha in Filme: Authenticity, Gender, and Orientalism**. Kansai, v.45, p. 25-44, 20 de Dezembro de 2005.
- AKITA, Kimiko. **Orientalism and the Binary of Fact and Fiction in *Memoirs of a Geisha***. Global Media Journal. Florida, v.5, n.9 p.2-9, 2006.
- NOGUERA, Elisabet O. **Orientalism in American narrative and cinema: the case of *memoirs of a geisha***. Grau d'Estudis Anglesos. Barcelona, 11 de junho de 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. **documentos para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. University of California, Los Angeles, v.10, nº1, p.171-188, 2002.
- CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum. Chicago, v.1, n.8, p. 139-167, 1989.
- KIM, Claire J. **The Racial Triangulation of Asian Americans**. Politics & Society, Vol. 27, n. 1, 105-138, Março de 1999.
- SANTOS, Caynnã de C. ACEVEDO, Claudia R. **A Minoria Modelo: uma análise das representações de indivíduos orientais em propagandas no Brasil**. Psicologia Política, V. 13, nº27, p. 281-300, Maio-Agosto de 2013.
- PETTERSEN, William. Success Story, Japanese-American Style. The New York Times, New York, Janeiro de 1966. Disponível em: https://inside.sfuhs.org/dept/history/US_History_reader/Chapter14/modelminority.pdf. Acesso em: 11 de Abril de 2024.
- PEREIRA, Marco C. Wong, Sara. **Sobrevivência: a ultima arte gueixa**. Quioto, Japão. Disponível em: <https://www.got2globe.com/editorial/sobrevivencia-a-ultima-arte-gueixa/>. Acesso em: 11 de Abril de 2014.
- NUCCI, Priscila. **O perigo japonês**. FAPESP. São paulo. nº12, p. 133-149, 2006.
- COARACY, Vivaldo. **O perigo Japones**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1942.
- HOLMES, Linda. **A girl, A shoe, A Prince: The Endlessly Evolving Cinderella**. NPR. 2015.

SHIMABUKO, Gabriela Akemi. **A origem do Perigo Amarelo: orientalismo, colonialismo e a hegemonia euro-americana**. UNESP. FCLAr, 2016.

SIMS, Calvin. **ARTS ABROAD; A Geisha, a Successful Novel and a Lawsuit**. The New York Times. 19 de junho de 2001. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2001/06/19/books/arts-abroad-a-geisha-a-successful-novel-and-a-lawsuit.html>. Acesso em 8 de Abril de 2024.

AdoroCinema. (s.d.). **Memórias de uma Gueixa**. Recuperado de: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-28572/>

IMDb. (s.d.). **Memoirs of a Geisha**. Recuperado de: https://www.imdb.com/title/tt0397535/reviews?ref_=tt_urv

PALMER, James. **The bloody White Baron**. Basic Books. New York. 2009.

PORNHUB. **2023 Year in review**. Porn Hub Insights. 2024. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2023-year-in-review>. Acesso em: 08 de Abril de 2024.

LEE, Caroline R.. **Feminismo Asiático: identidade, raça e gênero**. Medium. 6 de Março de 2017. Disponível em: <https://medium.com/@rycca.lee/feminismo-asi%C3%A1tico-identidade-ra%C3%A7a-e-g%C3%AAnero-27c9ca94ec2e>. Acesso em: 06 de Abril de 2017.

CHOW, Kat. Hu, Elise. **Odds Favor White Men, Asian Women On Dating App**. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/codeswitch/2013/11/30/247530095/are-you-interested-dating-odds-favor-white-men-asian-women>. Acesso em 6 de Abril de 2024.

ARAÚJO, Julianny. **“Mulheres de conforto” e a escravidão sexual durante a II Guerra Mundial**. Medium. 19 de Agosto de 2020. Disponível em: <https://medium.com/carpas/mulheres-de-conforto-e-a-escravid%C3%A3o-sexual-durante-a-ii-guerra-mundial-6d1ba13629aa>. Acesso em: 06 de Abril de 2024.

ASSIS, Dayane N. **Gênero, Sexualidade e Educação: interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

LEE, Caroline R. **Feminismo Asiático no Brasil: Raça Amarela, Gênero e Geração**. In: KATSUO, Hugo. SEVERIANO, Edylene. **O “perigo amarelo” nos dias atuais**. São Paulo de Meriti, RJ: Caminhos. 2023. P.149-169.

TAKEUCHI, Marcia Y. **Colonias japonesas: quistos étnicos ou espaços de identidade imigrante?**. Historicamente. v.9. 2008. P.1-14.

SHIMABUKO, Gabriela A.. **A origem do Perigo Amarelo: orientalismo, colonialismo e a hegemonia euro-americana**. Araraquara. UNESP. 2019.